

Remix Ensemble

Casa da Música

Enno Poppe direcção musical

22 Jan 2023 · 18:00 Sala Suggia

MADE IN GERMANY

ANO ALEMANHA



casa da música



Assista à conversa entre Enno Poppe e Peter Rundel,
maestro titular do Remix Ensemble.

APOIO ANO ALEMANHA



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa



ernst von siemens
music foundation



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION



Enno Poppe

Speicher, para grande ensemble (2008-2013; c.80min)

I

II

III

IV

V

VI

Estreia em Portugal

Portrait Enno Poppe — Artista em Residência

Enno Poppe

HEMER (RENÂNIA DO NORTE-VESTFÁLIA), 1969

Speicher, para grande ensemble

Speicher é uma obra de proporções monumentais: 80 minutos de música para um ensemble de 22 instrumentistas, que o compositor alemão Enno Poppe escreveu ao longo de cinco anos, entre 2008 e 2013. É certo que se divide em seis partes distintas, cada uma das quais pode ser tocada separadamente, mas quando se ouve a obra completa — como hoje — o que se destaca é um sentido de continuidade e unidade que atravessa toda a sua duração. Assim, *Speicher* não constitui uma colagem de peças independentes mais curtas, mas um todo substancialmente longo. Essa sensação de unidade resulta não só de a formação instrumental se manter praticamente a mesma em todas as seis partes, mas também do facto de circularem ideias e motivos claramente reconhecíveis de umas partes para as outras, dando coesão à obra e estabelecendo o todo como “uma estrutura complexa de variações e repetições” (nas palavras do próprio compositor). É nesse contexto que podemos entender o título, *Speicher*, que se traduz por *memória*, no sentido informático do termo: é como se a obra fosse um sistema de armazenamento e organização de informação, onde diferentes ideias ficam guardadas e podem a qualquer momento ser reactivadas, de tal modo que um determinado material musical pode sempre retornar mais tarde.

Esse conceito de “repetição e variação” é uma preocupação constante de Enno Poppe. Já uma das suas primeiras obras, composta entre 1993 e 1997, se chamava *Tema com 840 variações*. Nessa peça para piano, uma ideia inicial muito simples — com a duração

de um só compasso — é de imediato submetida a uma série de metamorfoses (as tais 840 variações), de tal modo que o tema inicial — um ritmo nervoso com intervalos dissonantes — é transformado de todas as formas e feitios, mas mantendo sempre alguma continuidade e identidade (que o ouvinte pode reconhecer). Os mesmos princípios se aplicam ao quarteto de cordas *Tier*, composto em 2003. A lógica é aqui um pouco mais complexa, visto que logo no início da obra ouvimos vários temas ou motivos, e não apenas um: em concreto, ouvimos uma pequena escala ascendente no violoncelo; pequenos motivos com notas repetidas ou pequenas oscilações em diferentes instrumentos; e acordes em *tutti*. À medida que os primeiros minutos da obra vão decorrendo, porém, torna-se claro que nos mantemos dentro desse universo inicial de motivos musicais, mas sempre com novas variações. Em geral, Poppe gosta de trabalhar com poucas ideias musicais, em especial em obras longas; como diz numa entrevista, “tenho a sensação de que não preciso de mais ideias para uma peça longa do que para uma peça curta”.

Estes aspectos da música de Enno Poppe têm levado muitos comentadores a associarem o seu estilo a um pensamento motivico e temático, na linha da grande tradição sinfónica austro-germânica (a de Beethoven e Brahms, entre muitos outros). Numa entrevista ao compositor, o musicólogo Armin Köhler diz-lhe que “se tem sempre a impressão, com a sua música, de que trabalha de forma motivica e temática no sentido clássico, algo que não é simplesmente o caso quando se observa de forma mais próxima”. Curiosamente, se a pergunta aproxima Poppe de um pensamento clássico ao mesmo tempo que rejeita essa aproximação (como que a salvaguardar o seu estatuto modernista enquanto compositor erudito

contemporâneo, que não deverá ser *demasiado* clássico), já na resposta Poppe não nega essa afiliação, falando de como está interessado em usar pequenos objectos musicais reconhecíveis (os tais motivos) para criar um processo de desenvolvimento orgânico. Tudo isso parece inseri-lo numa longa tradição musical *organicista*, muito prevalente nos países germânicos, tanto no Romantismo como no Modernismo (compositores como Schumann, Wagner, Schoenberg e Webern defenderam activamente essa perspectiva estética). Segundo a concepção *organicista*, a música é vista como análoga a um organismo biológico que se desenvolve em múltiplas direcções a partir de uma célula (ou semente) original. Essa célula ou semente, no caso da música, seria o tal tema ou motivo gerador, do qual toda a restante obra é gerada através de um processo de variação e desenvolvimento.

Esta afinidade com a tradição austro-germânica não significa, claro, que Enno Poppe componha da mesma maneira que Schumann ou Webern. Conforme refere o musicólogo Björn Gottstein, Poppe trabalha frequentemente com base em processos matemáticos, em particular os chamados sistemas de Lindenmayer (L-sistemas), muito usados, desde o final da década de 1960, na biologia. Tal é, de resto, explicitamente reconhecido pelo compositor, que afirma ter “olhado para modelos matemáticos que descrevem simulações de como as plantas crescem”. Conforme refere o teórico espanhol José Luis Besada, Hanspeter Kyburz (de quem Poppe chegou a ser aluno) terá sido o primeiro a utilizar esses L-sistemas na composição musical, com a sua peça de 1994, reveladoramente intitulada *Cells (Células)*. Besada discute também o modo como este tipo de pensamento composicional se liga à tradição *organicista*, na medida em que

continua a ser dominado por uma lógica de crescimento natural a partir de um elemento gerador, ainda que se exprima através de processos musicais novos.

Além desta diferença no processo de composição, a música de Poppe soa também muito diferente da dos compositores *organicistas* mais antigos. Para já, apesar de ele trabalhar sobretudo com notas e raramente com ruídos ou técnicas estendidas (ao estilo de Lachenmann), a sua música está muito longe de ser tonal. É, na verdade, resolutamente atonal e envolve com frequência um campo sonoro que muitos compositores contemporâneos consideram já o *novo normal*: o uso estrutural e constante, a par das 12 notas da escala temperada do piano, de outras notas situadas entre essas — em particular, os chamados quartos-de-tom. Essa técnica permite-lhe, ainda através das notas — não de ruídos —, alargar substancialmente o campo de sonoridades: em vez de 12 notas, Poppe trabalha com (pelo menos) 24, o que aumenta exponencialmente as combinações harmónicas e tímbricas possíveis. E se há algumas décadas os compositores só usavam os tais quartos-de-tom, que os intérpretes estão menos habituados a tocar, em notas longas (justamente para não complicar demasiado a vida aos músicos), Poppe recorre também aos quartos-de-tom em passagens muito rápidas. Gera-se, assim, uma forma muito específica de virtuosismo instrumental, a que só conseguem dar resposta ensembles especializados de música contemporânea como o Klangforum Wien, o Ensemble intercontemporain e o Ensemble Modern, que estream diferentes partes de *Speicher*, ou como o Remix Ensemble, que hoje nos dá a ouvir a obra completa.

Apesar de toda esta complexidade, a música de Poppe tem também um lado muito

directo e sensorial, em especial através do ritmo. Logo a primeira parte da obra (*Speicher I*) nos revela esse aspecto. Depois de um início hesitante, com uma nota repetida e timbricamente modulada na viola, começa a instalar-se uma espécie de pulsação, aparentemente constante, ainda que sempre imprevisível — a música dá-nos vontade de bater o pé, mas nunca nos conseguimos sincronizar exactamente com ela. Em algumas partes da obra (a meio de *Speicher I*, por exemplo), instala-se uma secção rítmica autónoma muito potente, constituída por múltiplos instrumentos de percussão e outros tratados como se o fossem, e dando até a sensação, aqui e ali, de uma secção rítmica de uma *big band* de jazz. Por vezes, ainda, os ritmos são tão intrusivos — e as dinâmicas tão fortes — que o som tem um impacto corporal ou visceral no ouvinte, lembrando talvez, nessa imediatez física, a música de Xenakis. *Speicher V* é particularmente claro nesse aspecto, constituindo, de algum modo, o clímax de todo o ciclo.

Mas nem tudo é violência nesta obra. Ela é também rica em momentos líricos e suaves, com harmonias subtis e linhas melódicas elegantes e delicadas, frequentemente muito ornamentadas. *Speicher III*, por exemplo, cumpre a função de andamento lento, com um ambiente lírico e até algo mágico, em que se destacam as flautas, a harpa e as cordas, e em que há espaço para vários solos, em contraposição com os *tuttis* característicos das partes mais enérgicas e violentas. Em geral, Poppe vai gerindo os momentos de maior tensão e distensão ao longo da sua grande forma de 80 minutos, de modo a que, apesar da sua tendência para utilizar poucas ideias, a peça consiga sempre manter o interesse do ouvinte.

DANIEL MOREIRA, 2023

Enno Poppe direcção musical

Enno Poppe nasceu em Hemer, em 1969, e é um dos compositores alemães mais importantes da actualidade. Vive em Berlim desde 1990. Estudou composição e direcção de orquestra na Universidade das Artes de Berlim, com Friedrich Goldmann e Gösta Neuwirth, entre outros. Dedicou-se também ao estudo de síntese sonora e composição algorítmica no Instituto de Tecnologia de Berlim e no ZKM (Centro de Arte e Media) de Karlsruhe.

Enquanto maestro, Enno Poppe trabalha regularmente com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik e o Ensemble Resonanz, bem como com orquestras internacionais. É membro e maestro do Ensemble Mosaik desde 1998. Ensinou composição na Hochschule für Musik Hanns Eisler de Berlim, nos Cursos de Verão para a Nova Música de Darmstadt e na Impuls Akademie (Graz).

Enno Poppe recebe encomendas de obras por parte de ensembles de toda a Europa e de países fora do espaço europeu, de orquestras como a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Los Angeles e a Sinfónica WDR, e ainda de diversos festivais (Donaueshinger Musiktage, Festival de Salzburgo, musica viva de Munique, Ultraschall Berlin, MaerzMusik de Berlim, Eclat de Estugarda e Wittener Tage für Neue Kammermusik, etc.). As suas obras foram interpretadas, entre outros, pelo quarteto Arditti e Kairos, pelos maestros Pierre Boulez, Susanna Mälkki, Emilio Pomarico e Peter Rundel, e pelas orquestras Sinfónica SWR, Sinfónica Escocesa da BBC, Sinfónica da Rádio Bávara, Sinfónica Alemã de Berlim, Sinfónica hr de Frankfurt e Filarmónica de Jovens Alemã. A lista de ensembles que tocam regularmente a sua música é vasta: Ensemble intercontemporain, Ensemble Modern, London Sinfonietta,

Ensemble Resonanz, Klangforum Wien, ensemble mosaik, Ensemble Contrechamps, Musikfabrik, Ensemble 2e2m, SWR Vokalensemble e Neue Vocalsolisten Stuttgart, entre outros.

Algumas das composições mais emblemáticas da carreira de Enno Poppe são *Interzone* (2003-04) — uma composição para vozes, vídeo e ensemble, em que o escritor Marcel Beyer parafraseia um texto de William S. Burroughs sobre Tânger e Marrocos; o teatro musical *Arbeit Nahrung Wohnung* (2006-07) — uma história fragmentada de Robinson Crusóé, acerca da solidão; *IQ* (2011-12) — encenação de um teste à inteligência em oito actos, regressando constantemente ao início para começar de novo.

Enno Poppe foi bolseiro da Akademie Schloss Solitude e da Villa Serpentara em Olivano Romano. Dos prémios que recebeu, destacam-se o Prémio Busoni de Composição da Academia das Artes de Berlim (2002), a distinção dada pela Fundação Ernst von Siemens, o Schneider-Schott-Musikpreis (2005), o apoio da Academia das Artes de Berlim (2006), o Prémio da Fundação Christoph e Stephan Kaske (2009), o Prémio da Fundação Hans e Gertrud Zender (2011), o Prémio Hans-Werner-Henze (2013) e o Deutscher Musikautorenpreis (2016). É membro da Academia das Artes de Berlim desde 2008; da Academia de Ciências e Artes de Norte-Vestfália desde 2009; e da Academia de Belas-Artes da Baviera desde 2010.

Durante o ano de 2023, Enno Poppe é o Artista em Residência na Casa da Música.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou, em estreia absoluta, cerca de 115 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apersentou-se nas salas mais prestigiadas de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktag. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a actuar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020).

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür e Daniel Moreira, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philotomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e

da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders e Justè Janulytè, além de inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2023 inclui as estreias nacionais de duas obras de Enno Poppe, uma das quais co-encomendada pela Casa da Música. Contando com Matthias Goerne como solista, o Remix Ensemble faz a estreia mundial de uma encomenda a Jörg Widmann: uma nova versão para ensemble e barítono do ciclo de canções *Dichterliebe* de Robert Schumann. Divide o palco ainda com Ilya Gringolts, interpretando o *Concerto para violino* de Ligeti. Em Outubro, regressa à Philharmonie de Paris.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
André Gaio Pereira

Viola

Trevor McTait
Alfonso Noriega

Violoncelo

Oliver Parr
Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Clara Saleiro

Oboé

Tiago Coimbra

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Saxofone

Romeu Costa

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Acordeão

José Valente

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

